

SARTRE E A “QUESTÃO JUDAICA”

Tito Cardoso e Cunha

Universidade da Beira Interior

Dias atrás, num semelhante colóquio sobre Sartre, abordei a polémica deste com Heidegger em torno da questão do humanismo.

Com efeito, na sua famosa *Carta sobre o humanismo*, Heidegger cita Sartre, para dele claramente se demarcar, no texto que este tinha pouco antes publicado com o não menos famoso título de *O existencialismo é um humanismo*. Título assertivo também ele de um pensamento que se afirma numa direcção bem adversa ao rumo tomado por Heidegger por alguns caminhos que se perdem nas florestas negras da história.

Ou será, mais precisamente, Heidegger que sente a necessidade de se demarcar do pensamento sartriano sobretudo enquanto este se afirma através do epíteto de “existencialista”, ainda para mais definindo-se como um humanismo.

O filósofo alemão foi importante, como se sabe, na elaboração do pensamento sartriano desde, pelo menos *L'être et le néant* publicado em 1943. A marca de *Ser e Tempo* está aí presente mas é sobretudo a marca do dito primeiro Heidegger, o da analítica existencial. A viragem deste num caminho que se bifurca levou-os cada vez mais longe um do outro.

O momento mais explícito encontra-se na *Carta* ... quando Heidegger cita uma frase central de Sartre no referido texto: “... estamos num plano em que há somente homens.”¹ Ao que Heidegger opõe, na enunciação mesma da sua *viragem*, “... estamos num plano em que há principalmente Ser.”² Assim se exprime o seu anti-humanismo (teórico, como queria Althusser?) que logo de seguida ele procura subtrair ao inumano. Será que o conseguiu? O próprio pensador justifica o seu anti-humanismo atribuindo ao humanismo um cariz metafísico que o exclui do pensar. Uma vez que a metafísica se inscreve na

¹ M. Heidegger, *Carta sobre o humanismo*. Lisboa, Guimarães, 1973. P. 72.

² *Idem, ibidem*.

história do esquecimento do ser e que o pensar o é do ser, que não da *realidade humana* existente.

É curioso notar que esta expressão foi usada numa das primeiras traduções francesas de textos de Heidegger, por Henri Corbin³, nos anos 30, a fim de traduzir termo *Dasein*.

Sartre terá lido essa tradução mas, em todo o caso, a lição escolhida pelo tradutor é sintomática de um espírito e um contexto filosófico à época.

Há portanto uma separação, a partir da viragem, entre os dois autores que percorrerão caminhos diferentes.

Sartre, como já tentei dizer em outras ocasiões, fará da compreensão biográfica o seu objectivo concretizado mais tarde em diversas obras que vão do *Baudelaire* em 47 ao monumental *Flaubert* em 71, passando pelo *Genet* em 52.

Mas não é só nas biografias que o pensamento e a escrita sartrianos se concentram nas singularidades da realidade humana. Fá-lo também num texto publicado pouco depois de *EN*, em 1946, logo depois do fim da guerra, e que tem por título *Réflexions sur la question juive*.

As tonitruantes reflexões sartrianas no imediato pós-guerra vão contrastar com o silêncio de Heidegger sobre a mesma questão⁴.

As *Reflexões* de Sartre aparecem como se fossem uma primeira aplicação concreta de algumas das teorizações de *EN*, particularmente a célebre análise da má-fé.

Muito resumidamente recorde-se aqui o essencial dessa análise e o seu papel no núcleo central do pensamento sartriano.

Como em tempos chegámos a escrever⁵ e ele próprio admite, a noção de má-fé em Sartre vem ocupar o lugar que o inconsciente tem, na teoria freudiana. A sua elaboração em Sartre parte da crítica por ele feita a uma noção – a de inconsciente – que o seu confesso cartesianismo dificilmente poderia aceitar.

A má-fé é como que uma auto mentira. Nela, a realidade humana “em vez de dirigir a sua negação para o exterior (como na mentira), vira-se contra si própria.”⁶

Aparentemente uma mentira, a má-fé desenrola-se no entanto na “unidade de uma consciência.” Sou eu próprio que me oculto a verdade. É um pouco como a *denegação* em psicanálise.

A análise da má-fé, que Sartre irá actualizar no caso do anti-semita, como do judeu inautêntico, tem, em ambos os casos, o mesmo significado: “

³ M. Heidegger, *Qu'est-ce qu la métaphysique?* Paris, Gallimard, 1951.

⁴ Berel Lang, *Heidegger's Silence*. Ithaca, Cornell University Press, 1996.

⁵ Tito Cardoso e Cunha, *Universal Singular*. Lisboa, Fim de Século, 1997.

⁶ Jean-Paul Sartre, *L'être et le néant*. Paris, Gallimard, 1943. p.86.

o acto primeiro de má-fé é para fugir daquilo de que se não pode fugir, para fugir do que se é.”⁷

A dicotomia sartriana que distingue o em-si do para-si é bem conhecida. Sucintamente poder-se-á dizer que o em-si é o ser das coisas e o para-si é o não ser das consciências, da realidade humana. Diferentemente do ser em-si, o ser para si define-se “como sendo o que não é e não sendo o que é.”⁸

Por isso a realidade humana é definida como nadificação do ser, projecto, liberdade. Tudo isto é conhecido.

Só que esta realidade é também vivida na angústia, a angústia da liberdade que lhe advém do reconhecimento da dimensão da contingência na condição humana.

Uma fuga, no entanto, é possível, e frequentemente tomada, na *má-fé*. Trata-se de ocultar a si mesmo a angústia da contingência, isto é da liberdade que se é sob a forma do nada.

Sendo claro que a má-fé é imanente à consciência, e visto que a consciência é reflexiva, esta sabe o que a si própria esconde. Ela é consciência da sua má-fé.

É a partir desta elaboração que Sartre vai fazer a análise do anti-semita como ser inautêntico. O mesmo se passa com o seu contraponto no judeu que não é autêntico.

O anti-semita esconde a má-fé que está no âmago da sua atitude tomando-a por uma simples opinião (as opiniões são livres) ou por uma constatação de facto.

No entanto, mais do que uma opinião ou o resultado de uma experiência, o anti-semitismo é uma *paixão*⁹. Uma *paixão protectora*, que protege da liberdade.

Escreve Sartre, “o anti-semitismo é uma escolha livre e total de si mesmo, uma atitude global que se adopta não só relativamente aos judeus, mas relativamente aos homens em geral, à história e à sociedade; é simultaneamente uma paixão e uma concepção do mundo.”¹⁰

A paixão é o que melhor imuniza contra o razoamento persuasivo e argumentado. É um fechamento em si como pedra. Escreve Sartre: “o anti-semita escolheu o ódio porque o ódio é uma fé; escolheu originalmente desvalorizar as palavras e as razões.”¹¹

Escolheu mas denega-o na má-fé. Ele teme sobretudo encontrar-se perante si próprio, no seu abandono existencial. Por isso Sartre diz que ele é o “homem das multidões.”¹²

⁷ *Idem*, p.111.

⁸ *Idem*, p. 33

⁹ Jean-Paul Sartre, *Réflexions la question juive*. Paris, Gallimard, 2005. p. 10

¹⁰ *Idem*, p. 18-19

¹¹ *Idem*, p. 22

¹² *Idem*, p. 25

A dissolução na multidão traz a grande vantagem de o tornar irresponsável que é como ele melhor se sente. É que a responsabilidade pô-lo-ia perante a sua consciência e é precisamente isso que ele mais teme: enfrentar a liberdade e a contingência. A má-fé é o que o leva a obliterar uma escolha que, apesar disso, ele “faz de si próprio: escolhe o irremediável por medo da sua liberdade, a mediocridade por medo da solidão.”¹³

O anti-semita é já um exemplo do desejo de fusão que será um conceito – o grupo em fusão¹⁴ – mais tarde analisado por Sartre em *Critique de la raison dialectique*.

No fundo, ao fazer a análise do anti-semita, Sartre está sobretudo a fazer a análise do homem da má-fé, o “salaud” como ele o chamará com frequência.

Em suma, no retrato que Sartre propõe do anti-semita reconhecemos sobretudo alguém que tem medo, “de si próprio, da sua consciência, da sua liberdade, dos seus instintos, das suas responsabilidades, da solidão, da mudança, da sociedade e do mundo; de tudo excepto do judeu.”¹⁵

É no entanto na análise dessa figura – juntamente com a célebre ilustração do *garçon de café* em *L'être et le néant* – que encontramos a melhor descrição dos comportamentos característicos da má-fé: “o anti-semitismo é o medo perante a condição humana. O anti-semita quer ser uma rocha impiedosa, torrente furiosa, relâmpago devastador: tudo excepto um homem.”¹⁶

Há, no entanto, na análise sartriana, uma outra figura da má-fé que se contrapõe ao anti-semita. É a do judeu que ele diz inautêntico pois que a inautenticidade nos aparece aqui como o outro nome da má-fé.

Há que fazer aqui uma advertência. O texto de Sartre foi publicado pela primeira vez em 1946, no imediato pós-guerra. É importante ter isso em conta ao reler hoje o texto.

Trata-se de um período em que a guerra estava a acabar, em que se conheciam os acontecimentos recentes embora ainda se não tivesse uma visão tão clara como hoje de toda a extensão da tragédia.

A chamada “questão judaica” é assim definida por Berel Lang no citado livro sobre o silêncio de Heidegger: “a questão de como os judeus poderiam viver entre as nações – ou, inversamente, na perspectiva das nações, como é que elas poderiam viver com os judeus.”¹⁷

Do ponto de vista do judeu, a inautenticidade como figuração da má-fé tem também, muito sartreanamente, a sua ilustração.

¹³ *Idem*, p. 31-32

¹⁴ “ele deseja que a sua pessoa se funda subitamente no grupo e seja levada pela torrente colectiva.” *Idem*, p. 35.

¹⁵ *Idem*, 62.

¹⁶ *Idem*, p. 64

¹⁷ *Idem*, p. 2.

Antes do mais, a liberdade a que se está condenado, enquanto realidade humana, é feita de escolhas mas de escolhas em situação. Não se escolherá a situação mas escolhe-se a si próprio em situação. A existência é uma *condição*¹⁸ com limites e constrangimentos.

Segundo Sartre, “o judeu é um homem que os outros homens tomam por judeu.”¹⁹ Podemos pressentir aqui o papel objectivante do olhar nas análises célebres de *EN*. É também uma asserção que se aplicará a toda a realidade humana. Basta pensar na hegeliana dialéctica do senhor e do escravo para nos recordarmos da sua função constituinte de uma identidade.

Essa identidade advém pelo (olhar d) o outro: “ele é em si próprio tal como é para outrem.”²⁰ Esta é, aliás, para Sartre, o modo de relação fundamental do outro na condição humana. No caso do judeu, isto é duplamente verdadeiro, como existente e como judeu. Essa é a sua situação. Resta-lhe a escolha livre entre a autenticidade e o seu contrario, ser inautêntico, como homem e como judeu, na má-fé.

A autenticidade “consiste em ter uma consciência lúcida e verídica da situação, assumir as responsabilidades e os riscos que esta situação comporta.”²¹ Neste sentido a autenticidade é o mais difícil. Muito mais fácil será a inautenticidade.

A inautenticidade procura, pela má-fé, denegar a sua condição. Ao contrario, o judeu autêntico será “aquele que se reivindica no e pelo desprezo a que é votado.”²²

São estas formulações que têm sido pretexto a atitudes mais críticas em colóquios²³ recentes sobre o impacto das *Réflexions* na sua época e as possibilidades de releitura na actualidade. Há mesmo quem chegue ao ponto de acusar Sartre de anti-semitismo.²⁴

Seja como for, o problema da inautenticidade parte da presença constante da “consciência hostil de outrem.”²⁵ É essa hostilidade que está na raiz do comportamento de *fuga* em que a má-fé consiste.²⁶

A inautenticidade vem-lhes pelo olhar do outro mas no sentido em que ele se vê a si próprio através do olhar estranho. O seu esforço exerce-se todo

¹⁸ *Idem*, p. 72.

¹⁹ *Idem*, p. 84.

²⁰ *Idem*, p. 96.

²¹ *Idem*, p. 109.

²² *Idem*, p. 111.

²³ *October*, n.º 87, winter 1999 (Dir. Dennis Holier) e I. Galster (ed.), *Sartre et les juifs*. Paris, La Découverte, 2005.

²⁴ Cf. I. Galster, “Introduction” in *Op. Cit.*

²⁵ *Réflexions sur la question juive*, p. 112.

²⁶ “os judeus inautênticos são os homens que os outros tomam por judeus e que escolheram fugir perante essa situação insuportável.” *Idem*, 112.

no sentido de ser aquilo que não é e não ser aquilo que é. No fundo, procura “fazer-se reconhecer como homem pelos outros homens.”²⁷

Mas é nesse mesmo processo que a má-fé se afirma: “ele está portanto de má-fé: oculta a realidade que no entanto traz consigo no mais profundo de si.”²⁸ Ele é o que é aos olhos dos outros mas é disso mesmo que procura fugir ocultando-se com a máscara do que não é.

Em suma, escreve Sartre, “o judeu inautêntico é habitado por uma consciência de ser judeu.”²⁹ à qual, precisamente, procura fugir. Procura fugir sobretudo desse vazio que é a consciência para se constituir “da maneira em que uma pedra é uma pedra, atribuindo-lhe qualidades e um destino.”³⁰

Ou ainda “ele renega a sua liberdade de homem para escapar ao pecado de ser judeu e para tentar atingir o repouso e a passividade da coisa.”³¹

Escusado será dizer que, ao contrário, a autenticidade se vive na assunção da sua condição enquanto realidade humana livre, em toda a sua contingência³² Isto é, ele é “no seu desamparo consentido, um homem todo um homem, com os horizontes metafísicos que comporta a condição humana.”³³

Em 1946, Sartre encontrou na análise do anti-semita, como do judeu, inautêntico ou não, uma ilustração ou, melhor dizendo, uma aplicação das ideias elaboradas em *L'être et le néant*, publicado 3 anos antes. É talvez esta a melhor encenação crítica da noção de má-fé que encontramos na sua obra.

Mas se ele tudo isto escreve e pensa é porque a construção teórica a que podemos chamar a sua filosofia da existência se centra na singularidade concreta que é “um homem”, aquele(s) de quem a sua futura obra biográfica se irá ocupar numa permanente elaboração de conceitos que essa singularidade possam pensar.

Em contraste com Heidegger cujos silêncios são por vezes ensurdecedores.

Nomeadamente, sobre a questão judaica o contraste não podia ser maior do que aquele que separa Sartre de um Heidegger. Ao silêncio estridente deste contrapõe-se o esforço sartriano de pensar e (d)escrever, intensa e exaustivamente, uma experiência limite do nosso passado século.

O silêncio de Heidegger e a loquacidade de Sartre sobre a “questão judaica”, o que os explica no seu contraste? Provavelmente a capacidade que

²⁷ *Idem*, p. 119.

²⁸ *Idem*, p. 120.

²⁹ *Idem*, p. 129.

³⁰ *Idem*, p. 131.

³¹ *Idem*, p. 132.

³² “a autenticidade judaica consiste em escolher-se *como judeu*, quer dizer em realizar a sua condição judaica.” *Idem*, p. 166.

³³ *Idem*, p. 167.

cada um tem de pensar diferentemente e os meios filosóficos que cada um pôs diferentemente ao seu dispor.

A perspectiva fenomenológica de Sartre abre-se sobretudo a uma consideração que é antropológica no seu ponto de vista. O seu pensamento é-o sobretudo de uma antropologia filosófica. Quanto a Heidegger dir-se-ia que a obnubilação pela questão do Ser e do seu esquecimento como que o cega ao que o rodeia e em que participa, em todo o caso, e o deixa desmunido para o pensar e, consequentemente, votado ao silêncio. Berel Lang interpreta esse silêncio como o reflexo de uma impossibilidade de pensar a “questão judaica”. É uma questão que para ele nunca existiu.

Segundo este autor, “o que impossibilitou o reconhecimento da *questão judaica* por Heidegger foi o papel imediatamente eficaz que ele imputa ao conceito de “Volk” – e nesse domínio, a posição privilegiada que ele atribui ao “Volk” alemão por causa do seu suposto acesso ao ser do ente e à verdade.”³⁴

Depois de um primeiro momento em que Sartre recebeu a influência de Heidegger, o caminho filosófico de cada um foi-se radicalmente separando como, por parte de Heidegger, o texto da *Carta sobre o humanismo* bem demonstra.

Enquanto em Heidegger a terminologia se vai fixando em conceitos como verdade, Volk, Ser (tudo com maiúsculas), em Sartre a preocupação permanece atida à singularidade concreta, à liberdade e à escolha e ao homem concreto no abandono que lhe constitui a condição.

Sartre pode pensar a “questão judaica” sobretudo como um problema próprio de uma singularidade existencial, isto é universal. Tanto o anti-semita como o judeu inautêntico se oferecem ao seu esforço reflexivo enquanto sujeitos singulares cuja má-fé os constitui na inautenticidade.

Em todo o caso, Sartre pode sobre eles pensar porque, como anteriormente se disse, “estamos num plano onde há somente homens.”³⁵ Enquanto Heidegger se proclama, pelo contrário, como se reclamando de um pensamento para o qual “... há somente o ser.”

O problema é que Heidegger não tem meios para pensar uma questão que só ao nível da singularidade humana – como Sartre o faz – se pode tornar visível ao pensamento. Deste ponto de vista, Heidegger encontra-se demasiado obnubilado para o fazer.

Não é à “realidade humana” que o seu *Dasein* se refere mas a um habitar ec-stático junto do Ser a que a linguagem serve de alojamento.

Daí a incapacidade silenciosa de pensar uma questão que só a esse nível – o da condição humana – se pode tornar presente à reflexão.

Ao contrário de Sartre.

³⁴ Op.cit., p. 8.

³⁵ Cf. Atrás.

